

501

A grande zebra

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — O PTB é o exemplo mais forte, quase uma caricatura, da indefinição da maioria dos partidos brasileiros. A velha sigla trabalhista parecia destinada a Jânio Quadros, passou perto de Leonel Brizola e por pouco não desembarcou em Fernando Collor de Mello. No próximo domingo, contudo, uma convenção de 146 pessoas e 208 votos vai eleger exatamente a grande zebra do partido: o candidato à Presidência da República será o teimoso e esperto senador Affonso Camargo, do Paraná.

O 11º candidato à sucessão tem 60 anos, é católico e vegetariano. Foi secretário-geral do PMDB, coordenador político da campanha de Tancredo Neves e ministro dos Transportes no início do governo Sarney. Em 1986, trocou o ministério pela vitoriosa candidatura ao Senado e depois trocou o PMDB do poder pelo PTB das incógnitas. Ninguém acreditava nas chances de Camargo na convenção do seu novo partido, mas ele está virtualmente eleito. Mostrou que entende desse negócio de articulação política.

A versão corrente no Congresso é a de que Affonso Camargo se lançou em função de ambições estritamente pessoais e regionais. Em parte é verdade pois, afinal, ele será o primeiro candidato presidencial da história do Paraná — um estado onde lideranças e partidos pulverizaram-se excessivamente e há o vácuo de uma liderança, senão hegemônica, mais destacada do que as demais.

Nos acordos informais que um grupo de parlamentares de centro-direita vem costurando desde o final da Constituinte, o importante na deflagração do processo sucessório seria marcar posição e ocupar as siglas parti-

dárias. Foi assim que o senador Marco Maciel se aventurou adversário de Aureliano Chaves nas prévias do PFL. Foi assim que Esperidião Amin concorreu contra Paulo Maluf no PDS. Estão caracterizadas duas dissidências bem definidas e elas, em determinado momento do jogo eleitoral, poderão se embolar com Camargo e outros candidatos num só time.

Marco Maciel e Esperidião apesar de sabidamente ambicionarem o Palácio do Planalto, entraram desta vez em campo apenas por uma questão estratégica. Se com Affonso Camargo ocorreu algo parecido, ele se distinguiu por projetar a estratégia para além da mera quantificação de uma dissidência no PTB. Ele realmente jogou para vencer a convenção. Trabalhou os convencioneiros, investiu na bancada federal e teve até cuidados pessoais: trocou os óculos por lentes de contato e frequentou aulas da famosa fonoaudióloga global Glorinha Beuntemüller.

No mínimo, Affonso Camargo conquistou status de interlocutor privilegiado dos demais candidatos e uma vaga nas consultas dos Institutos de Opinião. Na convenção de domingo receberá votos de petebistas que já colloriram nos bastidores mas o apóiam no partido. Foi, ainda, lembrado como um bom vice para Aureliano, Mário Covas e até Brizola.

"A eleição em três turnos será inevitável. No máximo até outubro haverá um grande realinhamento", aposta o virtual candidato petebista. Nesse realinhamento, contudo, o partido será tão dividido e imprevisível quanto agora. O líder Gastone Righi, por exemplo, vai embarcar para a Europa no sábado, véspera da convenção, para não votar em Camargo. "Não havia vagas em outros vãos", disparou, irônico.